

# Uma saída criativa no Sul

por Guilherme Arruda  
de Teutônia

**L**ugar de criança é na sala de aula. Se eventualmente 1 dos 5 mil alunos da rede de ensino for visto perambulando na rua em horário escolar ou alegar doença para não ir à escola, pode ter certeza, a direção vai até os responsáveis saber o que está acontecendo e, se for o caso, trazê-lo de volta na mesma hora. Em casos extremos, a diretora pede ajuda à Brigada Militar (polícia militar) para um policial acompanhar a visita até a casa do aluno. A finalidade é "deixar claro" a todos que esse assunto não é brincadeira.

É assim que o ensino é tratado na pequena Teutônia, município de colonização alemã, com cerca de 20 mil habitantes, distante 100 quilômetros de Porto Alegre. Encravada numa área de apenas 214 quilômetros quadrados no Vale do Rio Taquari, Teutônia orgulha-se de ter

uma das menores taxas de analfabetismo do País. Embora não haja estatísticas oficiais, estima-se que um grupo inferior a 4% da população não seja alfabetizado. São idosos, que tentaram aprender e não conseguiram, ou então pessoas portadoras de deficiências físicas.

São poucas as vozes discordantes desse modelo de ensino, logicamente, vindo das próprias crianças, mas ele é amplamente apoiado pela população adulta da comunidade. "Somos duros, rígidos e exigentes", resume a secretária de Educação do município, Cliza Bronstrup Wallauer, que cita um exemplo caseiro para descrever o sistema: "Meu filho quebrou o braço e nem por isso ficou em casa. Mandeí que fosse à escola assistir as aulas. Ele é destro, mas acabou se acostumando a escrever com a mão esquerda."

A assiduidade é ponto de honra na cidade. A comunidade ajuda a

apontar eventuais "matadores de aula" e telefonar para a secretaria avisando onde eles se encontram durante o horário escolar. "Isso faz parte da cultura do nosso povo", justifica a secretária de Educação, que identifica o grupo de faltosos entre moradores que chegam de fora da cidade, basicamente, filhos de funcionários de fábricas calçadistas e de laticínios. "Numa cidade pequena como a nossa fica fácil fazer esse controle", diz a professora Cliza.

A secretaria tem uma explicação para que a comunidade apóie esse modelo de ensino. Os primeiros imigrantes que vieram da Alemanha, em 1858, eram todos pequenos artesãos, alfaiates e agricultores que sentiram a necessidade de passar aos filhos a importância do ensino para terem uma vida melhor que a deles. Evangélicos por natureza, em sua maioria, os imigrantes fincaram

uma escola ao lado de uma igreja. Foi aí que nasceu o conceito de escola comunitária que dura até hoje, no qual é a própria comunidade do bairro que escolhe e paga os professores e fornece todo apoio aos alunos. Do ponto de vista da lei, são escolas privadas, mantidas com a contribuição mensal dos alunos, embora não visem lucro. Nenhum membro da diretoria é remunerado. Atualmente, são cinco escolas comunitárias em atividade, que reúnem 2 mil alunos.

Desde que o município se emancipou de Estrela, em maio de 1981, as administrações municipais ajudam os alunos das escolas comunitárias com um salário-educação; correspondente a R\$ 21,00/mês por aluno. A secretaria de Educação trabalha com uma verba de R\$ 2,7 milhões neste ano, equivalente a 23% do orçamento total da prefeitura, de R\$ 11,9 milhões para este exercício. ■